

A DRAMATURGIA EM SALA DE AULA

Euler Lopes Teles (TEATRO-UFS)

Heryson Santos Carvalho (TEATRO-UFS)

Sirleide de Almeida dos Santos (TEATRO-UFS)

Márcio Santana da Silva (TEATRO-UFS)

INTRODUÇÃO

Esse artigo nasce da experiência empreendida através do grupo do PIBID com os alunos do 1º F do Colégio Estadual Marco Maciel, em Aracaju. O objetivo geral do PIBID em teatro da UFS é trabalhar a aplicação da lei 11.645, de março de 10 de março de 2008 que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Embora haja a lei, a problemática levantada é que sua aplicabilidade ainda é rara dentro dos estabelecimentos de ensino. Sendo assim, o intuito do projeto é utilizar da linguagem teatral para inserir essa discussão na escola, por acreditarmos que “o processo criativo [com o teatro] mantém o esforço do homem em sua batalha pela libertação ou pela cotidiana luta pela construção de uma nova sociedade” (PEIXOTO, 1981,p.21)

A nossa escolha foi trabalhar com os alunos do Marco Maciel a partir da dramaturgia, desejando que eles pensassem o teatro através da perspectiva de uma construção coletiva de leitura-escrita-reescrita-encenação. Para tanto, dividimos a experiência em três momentos. O primeiro, onde adentramos a discussão acerca do preconceito étnico a partir da música A Carne, de Elza Soares; o segundo momento onde os próprios alunos foram levados a construir protótipos de cenas, considerando a escrita; e o terceiro momento onde eles foram incentivados a experimentar suas próprias produções dramáticas a partir da encenação.

Algumas dificuldades se impuseram nesse processo, o próprio desconhecimento do que seja o texto dramático, o que seja uma dramaturgia, o pouco acesso ao que seja teatro, foram angústias que nos deram uma dimensão de que o teatro não faz parte do cotidiano da escola, ou quando o faz, é de forma singela – sem que haja um

profissional da área envolvido. Ao mesmo tempo, em que essas questões nos deram um direcionamento mais cauteloso, também nos deu a certeza de que a inserção do teatro se faz necessária já que embora seja “incapaz de agir diretamente no processo de transformação social, age diretamente sobre os homens, que são os verdadeiros agentes da construção da vida social” (PEIXOTO, 1981, p.13)

A CARNE MAIS BARATA DO MERCADO È A CARNE NEGRA?

É senso comum entre os estudiosos de leitura e literatura que vivemos uma crise dentro do sistema educacional no que se refere à leitura – em especial a leitura literária – por parte dos alunos. Embora os dados de alfabetização tenham crescido, no cotidiano das salas de aula a realidade demonstra alunos despreparados para o convívio com o texto. Essa realidade não é particular aos gêneros literários – nos quais incluímos a dramaturgia. Como afirma Martins:

“A leitura acontece no cotidiano de cada pessoa também de forma plural. Lê-se informalmente sobre vários assuntos, lê-se para aumentar o que se sabe sobre o mundo histórico e factual; lê-se em busca de diversão e descontração; lê-se para obter informações úteis e satisfazer curiosidades diversas. Lê-se, na vida, em geral, de forma não organizada, e nem precisa mesmo ser assim” (ROCCO, 1999, p. 112)

O texto transita na vida do aluno e ele deve estar inserido dentro da sala de aula em seus diferentes e variados suportes. Comumente vemos que o único gênero priorizado – quando priorizado - na escola é o texto literário canônico e muitas vezes a forma que ele é utilizado em sala de aula se dá de forma inadequada. Ou servindo como pretexto para o ensino de gramática normativa, ou visto como conteúdo didático onde se investiga a biografia, contexto histórico, sem que haja um aprofundamento no próprio texto. Não é permitido ao aluno dar significação, nem participar com sua visão de mundo. Nessa prática, objetivamos que esse processo de contato com o gênero dramaturgia ocorresse de uma forma onde o prazer estivesse incluído.

A escola tem restringido à leitura a uma única prática, e traumatizado os alunos com exigências obsoletas. O que presenciamos é que os alunos pertencem a uma cultura onde o texto apenas é visto como pretexto para o ensino de gramática normativa, e a

literatura vista como um texto de categoria relevante e de difícil acesso. Aos alunos não é demonstrado que os textos circulam durante o dia-a-dia. E que viver em sociedade representa viver com e através de textos. Ou seja, a leitura é “uma prática de gestos diversos, ocorrendo em variados lugares, por meio de diferentes suportes” (ROCCO, 1999, p. 110). Partimos da ideia de orientação na leitura, pois, acreditamos que “ninguém ensina ninguém a ler, o aprendizado é, em última instância, solitário, embora se desencadeie na convivência com os outros e com o mundo” (MARTINS, 2004, p. 12).

A escolha do gênero canção se deu pela similaridade entre esse gênero e a dramaturgia, já que os dois textos possuem enredo, literariedade, personagens e narram muitas vezes fatos fictícios. A canção também possibilita a produção de sentidos e necessita do seu leitor/ouvinte para que se estabeleça a significação. O gênero canção também é um tipo de texto que circula no cotidiano dos jovens. De fácil acesso, esse gênero não gera problemas de assimilação. Dessa forma, a canção pode ser introduzida na sala de aula sem causar estranhamentos, o aluno ainda pode participar com sua visão de mundo e é capaz de dialogar sobre o texto exposto. Trabalhar com o gênero canção permite que sejam ativadas competências necessárias para a formação de um leitor em potencial. Sempre compactuando com a ideia de que “aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios” (MARTINS, 2004, p.34)

Ter um tipo de gênero que faz parte da vida dos estudantes é possibilitar o resgate do prazer na leitura. Roland Barthes em seu texto *O prazer do texto* afirma que “O prazer do texto é esse momento em que meu corpo vai seguir suas próprias ideias – pois meu corpo não tem as mesmas ideias que eu” (BARTHES, 2008, p. 26). É preciso, portanto, possibilitar esse momento de prazer aos alunos, que se encontre não apenas uma função pedagógica na leitura. É preciso possibilitar o prazer na leitura, sem negligenciá-la, para que os indivíduos criem suas próprias histórias leitoras. Assim como durante muito tempo se repreendeu os desejos sexuais dos indivíduos, a leitura sofre repressão na sala de aula, o que se justifica na passagem do mesmo livro de Barthes que diz “O prazer do texto é semelhante a esse instante insustentável, impossível, puramente romanesco, que o libertino degusta ao termo de uma maquinação ousada, mandando cortar a corda que o suspende, no momento em que goza”(BARTHES, 2008, p. 12)

A canção *A Carne*, possibilitou que potencializássemos a discussão sobre o tema e que os alunos discutissem e debatessem seus diversos pontos de vistas. Para tanto, a

metodologia empreendida foi simples, ouvimos a canção diversas vezes e após debatermos sobre suas partes constitutivas – interprete melodia, ritmo, letra – colocamos palavras da canção para que os alunos opinassem sobre o porquê delas estarem na letra da música e o que elas tinham a ver com a discussão proposta. As palavras destacadas foram: MERCADO, CARNE, PRESÍDIO, HOSPITAL, SUBEMPREGO, REVÓLVER, ANTEPASSADO, BRIGAR. Esse momento foi muito importante de embasamento e de posicionamentos e o primeiro passo para a produção de uma escrita.

EXPERIMENTANDO A PRODUÇÃO DRAMATÚRGICA E A ENCENAÇÃO.

Após a discussão , provocados e munidos de argumentação, solicitamos que eles trouxessem no segundo encontro propostas de encenação que tivessem relação com a discussão e com uma das palavras. Para tanto, foram formados quatro grupos, com as respectivas palavras: MERCADO, PRESÍDIO, HOSPITAL, REVÓLVER. O intuito era que eles escrevessem ou trouxessem uma proposta de cena dentro da discussão, sem que se preocupassem nesse momento com seguir regras e normas do texto dramaturgico até mesmo porque “se é difícil hoje propor um modelo de texto construído segundo regras, continuam prevalecendo ideias aceitas acerca do que deve ser um texto de teatro” (RYNGAERT, 1995, 5). O nosso objetivo não era trazer a escrita como obrigação, como um modelo instituído que deve ser reproduzido, mas sim, como um espaço de ação onde podem ser posta as suas opiniões, onde se podem defender ideias, e onde a linguagem serve como instrumento de criação.

Embora todos esses cuidados, nenhum dos grupos trouxeram uma proposta de cena no segundo encontro, corroborando com a perspectiva da professora em sala de aula que se não há uma relação de obrigatoriedade, ou de retribuição avaliativa o processo não se desenvolve, sistema esse frequente nas escolas. Tendo esse problema, no segundo encontro ao mesmo tempo em que passamos para eles como se estrutura um texto dramaturgico ou um texto para teatro, apresentando seus elementos constitutivos - personagens, espaço, tempo, rubrica, escritura, etc. – demos um tempo para que cada grupo desenvolvesse a escritura da cena, ali mesmo em sala de aula, deixando-os livres para desenvolver da forma que melhor lhe conviessem.

Os resultados foram os seguintes: O grupo MERCADO escreveu uma cena narrativa onde um homem negro pede uma informação a uma mulher e ela o confunde com um assaltante; o grupo HOSPITAL escreveu uma cena narrativa onde uma mulher negra grávida entra em trabalho de parto e o atendente se nega a atendê-los; O grupo PRESIDIO elaborou uma cena narrativa onde um homem negro é preso dentro de uma cela com presidiários brancos que estão arquitetando uma fuga, e quando fogem eles impedem que o negro também fuja com eles. O Grupo REVOLVER preferiu desenvolver um texto em quadrinhos onde há uma abordagem policial à um homem negro que está portando um revolver. Nos contemplamos com esses trabalhos, pois, como nos apresenta RYNGAERT (1995) :

“O critério de ação continua sendo pertinente de um ponto de vista teórico. Ele não permite distinguir com clareza um texto de teatro de um outro texto nas práticas modernas da escrita e a preeminência da ação cênica torna ultrapassada a eventual boa vontade de um autor preocupado em prever antes da representação, as ações de suas personagens. Pode-se dizer que a maneira como seu texto será ‘atuado’ deixou de lhe pertencer, e que, mesmo que escreva diretamente para o teatro, o que se espera dele é antes um ‘texto’ sem outras especificidades” (RYNGAERT, 1995, 11)

Essa distinção entre o que é escrito e o que é feito em cena se tornou possível com os protótipos dramaturgicos criados pelos alunos. Portanto, no último encontro podemos experimentar a encenação dessas criações. Para tanto, utilizamos a seguinte metodologia: para cada cena, conforme eram escolhidas, aqueles que se sentiam à vontade improvisavam uma encenação que era discutida a priori com toda a turma e em seguida refeita com as alterações. Assim, pudemos introduzir algumas noções de interpretação, direção, etc. E eles também puderam ter uma ideia de como a criação acaba sendo um caminho que aos poucos vai se configurando.

CONCLUSÃO

Embora tenham sido poucos encontros – apenas três – e de termos resultados ainda em processo, acreditamos que a vivência com os alunos do Marco Maciel superou qualquer expectativa. Para além de conceito teóricos, práticas e técnicas, nós pudemos dividir uma discussão contemporânea, compreender a problemática entre leitura e escrita na escola, como também perceber como o teatro se insere na estrutura escolar.

Os resultados, embora não sejam palpáveis, eles são muito satisfatórios, pois, o debate foi feito, os alunos se colocaram como agentes modificadores da sociedade e passaram pela vivência da leitura –escritura –encenação. Muitos deles foram despertados como potenciais atores e até mesmo diretores e tiveram acesso e contato com o que seja a dramaturgia e a encenação. Dessa forma, acreditamos que o teatro seja uma ferramenta importante na construção do homem e que a dramaturgia possa vir a ser uma opção de se trabalhar a leitura e a escrita na sala de aula.

REFERÊNCIA

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. [Trad. J. Ginsburg]. São Paulo. 4ª Ed. Perspectiva, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. Leitor, leitura, escola: uma trama plural. In.: PRADO, J. & CONDINI, P. (Org.) **A Formação do leitor**. Rio de Janeiro: Pontos de Vista, ARGUS, 1999.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Introdução à análise do teatro**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1995.